



sobre a coligação PS/CDS com Cardia no MEIC

1 - Tomou posse o Governo PS/CDS. A coligação governamental do Partido Socialista com a extrema direita da Assembleia da República tem merecido um vivo repúdio de dezenas de milhar de portugueses. A União dos Estudantes Comunistas associa-se a este vasto movimento de opinião, sublinhando que a recondução, no novo Governo, de Cardia como Ministro merece viva reprovação da esmagadora maioria dos estudantes portugueses.

2 - Esta reprovação e indignação estão directamente relacionadas com os resultados e o "saldo" da política do MEIC de Cardia no anterior governo.

Tratou-se de uma política de permanente atentado ao direito ao ensino, porque expulsou, em 16 meses, mais de 16 000 estudantes de vários graus de ensino; porque encerrou e extinguiu vários cursos e escolas; porque liquidou vários organismos estatais absolutamente necessários a uma maior abertura e democratização do ensino.

Tratou-se de uma política anti-democrática porque limitou e procurou liquidar a participação estudantil na gestão das escolas e desencadeou medidas repressivas sobre a

vida escolar e universitária contrárias ao regime democrático e aos princípios constitucionais.

Tratou-se de uma política anti-juvenil porque interrompeu o grande desenvolvimento da actividade desportiva, recreativa, cultural e de convívio que os anteriores governos tinham impulsionado através da DGD e FAOJ.

Tratou-se de uma política de desemprego da juventude estudantil porque tornou o sistema de ensino num dos principais fornecedores do exército de desempregados com a institucionalização do "numerus clausus" e de outras formas de selecção anti-pedagógicas e arbitrarias como os exames nacionais e de aptidão, a substituição das médias de dispensa no Curso Complementar do Ensino Secundário, etc.

Tratou-se de uma política de desemprego de professores, porque seguiu uma errada política de colocações, destruiu os projectos de reestruturação da carreira docente e lançou no desemprego milhares de professores.

Tratou-se de uma política que agravou a crise do ensino em todas as suas dimensões e tornou ainda mais difíceis as condições de vida da juventude estudantil com as drás

ticas reduções orçamentais, designadamente quanto à política social de apoio aos estudantes.

Tratou-se de uma política de complacência e de impunidade para com os bandos neo-nazis que perturbam a vida e a estabilidade escolar (a par da política de recuperação capitalista, agrária e imperialista do governo PS sozinho) a política de Cardia foi verdadeiramente desastrosa para a juventude estudantil.

A sua manutenção à frente do MEIC, agora em coligação com o CDS, exprime o propósito de prosseguir esta política e de a agravar.

3 - A entrada do CDS no Governo significa a partilha das responsabilidades governamentais por um partido que votou contra a Constituição e cuja organização de juventude - a Juventude Centrista - participa activamente na onda de violência neo-nazi que se desenvolve nas escolas do Ensino Secundário.

Estimulados pela entrada no Governo, sentindo protecções em altas esferas do poder, os jovens centristas arruaceiros procurarão intensificar as suas acções provocatórias e violentas, que desestabilizam a vida escolar e pedagógica, violentam as consciências e contrariam os interesses mais profundos da juventude estudantil.

Há que opôr-lhes a força da unidade estudantil, dos professores e dos pais contra a violência e o ódio nazis. Há que reivindicar e impôr ao Governo a adopção de medidas

que combatam estas manifestações de violência, apesar das convicções que, na nova situação, tais acções poderão ter dentro do próprio Governo.

4 - As aspirações e reivindicações uma vida melhor e mais feliz para a juventude estudantil bem como a construção dum ensino no caminho de Abril são postas em causa pelo previsível prosseguimento e agravamento da política de recuperação capitalista, agrária e imperialista do novo Governo. As condições de estudo e de vida irão sofrer novos ataques e os perigos da sua maior degradação são reais.

A União dos Estudantes Comunistas confia que não será com conformismo e passividade que os estudantes portugueses encararão tal situação.

Pelo contrário, o desenvolvimento e a crescente força e influência da corrente unitária no movimento estudantil (bem expressa nas vitórias em 9 das 12 eleições para a gestão recentemente realizadas na Universidade) evidenciam as amplas perspectivas de acção e de combate à "nova" edição da política anti-estudantil, anti-juvenil e reaccionária do Governo PS/CDS.

31/1/78

O SECRETARIADO DA CC DA UEC